

Operacionalizando o trabalho

Se perdemos tudo o que é pequeno perdemos também nossa orientação, nos tornando vítimas do que é grande, impenetrável, superpotente. Deve-se lutar por tudo o que é pequeno e que ainda existe. Aquilo que é pequeno confere ao que é grande ponto de vista.
(Win Wenders)

Queríamos ouvir crianças pequenas e queríamos poucas crianças de cada vez para que elas se sentissem ouvidas e para que realmente as ouvíssemos. Foi com estas definições e com o texto de Wenders (1994) em mente que começamos a definir as oficinas. Decidimos que o trabalho seria feito em oficinas com crianças entre 5 e 7 anos no ambiente escolar. Queríamos, igualmente, ouvir os pré-escolares, por serem os menos ouvidos nas pesquisas de opinião sobre televisão. A opção pelo espaço escolar se deve ao fato de que na escola, as crianças, por estarem em um ambiente que é habitual para elas, onde o único fato estranho é a presença do pesquisador, estão mais a vontade, além de estarem cercadas por seus pares diários, o que se traduz em confiança adicional.

Optamos por escolas privadas na zona sul do Rio de Janeiro, escolha que nos levou a crianças de classe alta e média-alta. Ao fazer esta opção definimos, intencionalmente, a classe social das crianças participantes da pesquisa pois, gostaríamos de conhecer o ponto de vista de crianças que tinham acesso a canais com programação exclusiva para crianças, ou seja as televisões por assinatura e ainda, crianças que tivessem acesso a outras formas de entretenimento além da televisão, como teatro, clubes. No Brasil as televisões por assinatura estão limitadas as classes mais favorecidas.

É preciso ressaltar que não existe neste trabalho qualquer intenção de comparar a visão das crianças de diferentes classes sociais, pois qualquer comparação apenas empobreceria o entendimento daquilo que é a visão da criança, independente da classe social onde buscamos enquadrá-la. Acreditamos que todas as crianças devem ter direito às mesmas oportunidades e direitos. Apenas não gostaríamos de ignorar o fato de que as classes sociais onde estão as famílias destas crianças lhes possibilita diferentes experiências. Nesta pesquisa a voz que ouvimos pertence a crianças que tem

acesso diário às televisões pagas, crianças habituadas a viajar, crianças com acesso freqüente a diversos outros tipos de entretenimento como teatro e cinema e, em sua maioria, filhas de pais com nível superior. Existe uma outra característica da infância atual que não parece estar relacionada com a classe social: a ausência dos pais por longas horas em virtude de excesso de trabalho ou compromissos sociais. Em outras palavras, em todas as classes é possível encontrar crianças que vivem uma experiência de infância solitária, bastante afastadas de seus pais.

Para o trabalho de campo preparamo-nos da seguinte forma: assistimos a programação infantil disponível nos diversos canais infantis nos detendo especialmente na TV Globo e Nickelodeon; conversamos com dois profissionais de mídia responsáveis pela programação infantil destes dois canais de televisão e “entrevistamos” crianças informalmente. A intenção destes três passos prévios era seguir o enfoque teórico que optamos por utilizar neste trabalho para compreender a audiência infantil, que é, em última análise, com quem dialogamos nesta pesquisa. A audiência infantil, segundo a proposição de Buckingham (2000), pode ser compreendida a partir da relação entre produtores, o conteúdo televisivo e a audiência a quem se dirige a programação. A fim de nos manter no caminho apontado por este autor fomos conhecer o discurso de dois profissionais de mídia, analisando, igualmente, o conteúdo dos programas infantis. O terceiro item da relação, a audiência, seria conhecida no decorrer das oficinas. Com o intuito de chegar às oficinas conhecendo um pouco da visão das crianças, evitando o erro de imaginar que apenas nós adultos, detentores do conhecimento, sabemos sobre o assunto a tratar, incluímos como terceiro ponto de preparação entrevistas feitas com crianças, que nos deram recursos para preparar o roteiro das oficinas.

4.1

O que dizem os produtores

Partindo do enfoque teórico de Buckingham de que a audiência deve ser compreendida a partir da relação contínua entre produtores, conteúdo da programação, e a própria audiência, iniciamos o trabalho de campo entrevistando informalmente dois diretores de televisão na área de programação infantil, um da Rede Globo de Televisão e outro diretor para a América do Sul do canal de TV por assinatura Nickelodeon.

Buscou-se através destas entrevistas o ponto de vista do profissional que define o que vai ao ar como programação infantil. Ou seja, buscou-se conhecer a ideologia dos que produzem ou, melhor, daqueles que, mesmo quando não produzem¹, definem o que será transmitido pela mídia. Nestas entrevistas, as questões versaram sobre os seguintes temas: Quais os critérios para se definir o que está sendo adquirido e produzido para a audiência infantil brasileira? O que as crianças gostam de assistir? Como se define a audiência infantil? São feitas pesquisas com crianças antes de se optar pela compra de um programa?

Em agosto de 2001, as maiores audiências em programação infantil na Rede Globo eram:

“Dragon Ball Z”

“Digimon”

“Cavaleiros do Futuro” (dentre os três o único produzido internamente na TV Globo)

Iniciamos as entrevistas abordando as maiores audiências e indagando quais os ingredientes para se ter uma boa audiência, ou seja, o que não apenas atrai, mas também cativa as crianças dentro do conteúdo da programação infantil. Mundos a parte fascinam as crianças, talvez porque elas mesmas se percebam habitando um mundo a parte do mundo adulto. Assim, desenhos que traçam esse universo paralelo tendem a atrair e reter a atenção das crianças, e.g. “Dragon Ball Z” com sua saga, ou “Rugrats” com o mundo dos bebês. Este ponto de vista pode ser confirmado por resultados de pesquisas de audiência: estes programas com mundos paralelos têm tido muito boa aceitação e, também, como poderá ser visto no último capítulo desta dissertação – Conclusões: o que nos trouxeram as crianças - mundos a parte realmente parecem fasciná-las.

As entrevistas continuaram com a pesquisadora abordando a questão da ausência de personagens adultos ou personagens adultos representados apenas por “pernas”, tal como ocorre hoje na animação do Cartoon Network “A Vaca e Frango”, e como se vê há muito tempo também no “Tom e Jerry”, levantando a hipótese de que este procedimento

¹ No Brasil, grande parte da programação infantil é importada sobretudo dos EUA e, atualmente, também do Japão.

seria uma maneira de excluir o adulto do universo infantil, dando maior autonomia à criança. Segundo o profissional da TV Globo, não se trata de exclusão dos adultos do mundo infantil, e sim uma tentativa dos criadores dos desenhos de passar ao público a visão que a criança pequena tem do mundo. Afinal, não é assim mesmo que ela enxerga, na altura das pernas de um adulto?

Além disso, segundo nosso interlocutor, não haveria porque excluir o adulto do mundo da criança na televisão, pois a criança sabe que na realidade não faz nada sem a presença de um deles. Sempre existe um adulto que a leva aos lugares, a manda estudar, escovar os dentes etc.

Este ponto de vista nos traz para reflexão algumas questões relevantes quanto à representação dos adultos apenas como pernas e uma voz, em geral autoritária. Por um lado pode estar representando a visão do mundo a partir da altura dos olhos de uma criança, mas a falta de adultos nos desenhos atuais, ou pelo menos a falta de adultos que desempenhem papéis importantes, parece ser uma característica da programação atual e poderia estar refletindo uma tendência da sociedade atual, sociedade na qual as crianças estão mais em contato com seus pares do que com adultos, ou ainda, nos remeter a criança idealizada pela sociedade de consumo e a mídia, uma criança demandante, especialmente como consumidora, com desejos a serem imediatamente satisfeitos, desejos estes criados exatamente por essa mesma mídia ao apresentar incansavelmente novos produtos a cada intervalo comercial, deixando claro para seu público a mensagem “você precisa ter um”, rapidamente absorvida pela audiência infantil.

Quanto às questões “O que tem sido feito para saber o que as crianças querem assistir?” e “É feita alguma pesquisa prévia com crianças, antes de se colocar no ar um programa novo?”, as respostas obtidas foram as seguintes:

Os profissionais de mídia nos reportaram que hoje em dia é muito difícil realizar uma pesquisa prévia, já que a compra da programação é feita muitas vezes dois anos antes do programa estar disponível para exibição em grande escala. Em diversas ocasiões, para se definir a compra, assiste-se apenas um *trailer*, ainda na língua original do produto. Não seria produtivo mostrar para as crianças o programa ainda nesta forma

preliminar. Na TV Globo nos foi dado como exemplo a compra de um novo desenho apenas pelo cartaz. O cartaz estava exposto na sala onde conversamos e mostra um grande número de robôs alinhados lado a lado.

São robôs que lutam, se transformam e têm como ingrediente mágico para as crianças a luta do mundo do bem contra o mundo do mal. Este desenho, Medabots, que foi comprado pela TV Globo apenas a partir de um cartaz de propaganda, tornou-se uma das maiores audiências na programação infantil, conforme poderá ser verificado mais adiante neste mesmo capítulo, quando descrevermos o retorno a TV Globo para uma segunda entrevista em abril de 2002. É caso de se refletir sobre o quanto estes profissionais conhecem sobre o que se pode esperar da audiência alvo.

Quando perguntados sobre a possibilidade de discutir com grupos de crianças a programação que está no ar, os profissionais, com os quais conversamos separadamente, tem opiniões convergentes, nos relatando que, há algum tempo, o procedimento de reunir as crianças em grupos focais era bastante utilizado, mas está sendo menos utilizado atualmente. Entende-se que, apesar de útil, não era o procedimento ideal, uma vez que em um grupo de crianças sempre existe uma criança que lidera e as outras seguem a opinião dela. O melhor seria exibir a programação e ver se elas assistem, pois se não gostam do que está sendo exibido começam a conversar ou brincar. No caso de produções que podem ser alteradas estes grupos, apesar do problema da criança líder, podem ser mais eficazes, pois o programa pode ser alterado a partir do resultado dos grupos, como é o caso das telenovelas e programas infantis como “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, que por ser uma obra produzida internamente pode ir alterando seu formato considerando a opinião dos telespectadores. No caso dos desenhos já comprados como obra terminada, mesmo depois que o programa está no ar pesquisas com grupos de crianças seriam menos eficazes do que o acompanhamento minuto a minuto pelos números do IBOPE, pois a partir destes números pode-se averiguar o que o telespectador assiste ou não, optando por manter o programa no ar ou substituí-lo.

É indispensável aqui a ressalva de que os números do IBOPE, que geralmente são acompanhados pelo profissionais de mídia e publicidade, são aqueles medidos na

grande São Paulo, minuto a minuto². Assim a realidade da preferência do público infantil mostrada pelo IBOPE é a preferência das crianças que habitam a periferia de São Paulo, ou seja, crianças das classes C, D, E, com opções de lazer muito diferentes daquelas que são possíveis para uma criança que mora na zona sul do Rio de Janeiro, em Friburgo ou em Maceió por exemplo. Além disso, para fins de audiência infantil, as pesquisas são feitas com crianças entre 4 e 11 anos. É correto inferir que, para fins desta pesquisa, que tem como recorte ouvir crianças pré-escolares da zona sul do Rio de Janeiro, pode-se encontrar preferências distintas daquelas generalizadas pelo IBOPE para todo o Brasil, uma vez que este não é especificamente o público pesquisado por este instituto.

Outra questão levantada foi o fato de que diversas pesquisas concluíram que entre os programas mais assistidos pelo público infantil está a programação noturna, para adultos. Numericamente, as crianças acabam assistindo mais programação de adulto, pois à noite, quando o número de crianças em casa é maior, quem tem o poder de decisão sobre o que assistir é o adulto. Segundo nossos interlocutores, nos Estados Unidos é mais fácil programar para crianças porque todas tem o mesmo horário escolar, enquanto aqui no Brasil parte das crianças está na escola no turno da manhã e parte no turno da tarde, o que torna mais difícil o trabalho dos programadores, já que apenas a noite todas as crianças estariam disponíveis para assistir televisão.

Quanto à qualidade da programação infantil, na opinião destes profissionais de mídia, é sempre melhor que a criança esteja assistindo um programa para crianças do que para adultos, pois trata-se de programação que foi produzida pensando na criança.

Retornei à TV Globo em 25/4/2002, com a intenção de atualizar dados de audiência, verificar quais novos programas estavam sendo transmitidos, sua aceitação pelo público, e discutir o resumo da entrevista anterior, pois queria que o entrevistado estivesse de acordo com meu entendimento de suas opiniões. Concordamos que era um resumo adequado do que tínhamos conversado anteriormente. No canal Nickelodeon foi feita apenas uma visita e algumas conversas por telefone.

² Existe uma outra medição realizada semanalmente em seis diferentes capitais, mas a medição em geral utilizada para auferir audiência pelos anunciantes e profissionais de televisão é esta, minuto a minuto na grande São Paulo.

Haviam se passado 8 meses desde a primeira entrevista, um longo intervalo de tempo em se tratando de televisão. Neste intervalo o “Sítio do Pica Pau Amarelo”, programa infantil baseado na obra de Monteiro Lobato, havia sido relançado e estava entre as melhores audiências dentro da programação infantil. Nesta data as maiores audiências de programas infantis eram: “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, “Dragon Ball Z” e “Medabots” (durante a semana), e no sábado “Dragon Ball Z” e “Power Rangers”.

Questionado sobre o por que dos programas menos violentos e com temáticas mais infantis e até educativas (no sentido positivo, uma vez que a TV está sempre educando) são transmitidos apenas em horários vespertinos entre 6:30 e 8:30 da manhã, a explicação dada foi de que programas para crianças menores só podem ser exibidos bem cedo, pois eles não tem como disputar audiência com os maiores. Em outras palavras, não há um número de telespectadores com idades entre 2 e 4 anos que consiga competir com a massa de telespectadores infantis, com mais de 4 anos. Desta forma, a programação para os menores não é competitiva em termos de audiência, o que faz com que seja transmitida apenas em horários não muito disputados, como 6:30 as 8:00 da manhã.

Conversando sobre a dificuldade que as crianças menores tiveram para desenhar o que não gostavam na televisão, levantei a hipótese de que elas viam o que estava disponível para elas, sem muita crítica. A hipótese foi aceita. E concluímos que mesmo os adultos assistem na televisão o “que desgostam menos”, ou seja, primeiro decide-se que “vamos ver TV”, em seguida, dentro do que estiver disponível, “assistimos o que mais nos agrada.”

Estas entrevistas foram utilizadas não apenas para conhecer o ponto de vista dos profissionais de mídia, mas também para confrontá-las com as contribuições trazidas pelas crianças. É interessante perceber o quanto estes profissionais sabem o que esperar de seu público alvo. Outra contribuição importante outorgada pelas entrevistas é perceber que, se estamos falando de uma faixa de público específica, no caso deste trabalho crianças pré-escolares entre 5 e 7 anos, de escolas privadas da zona sul do Rio de Janeiro, as maiores audiências não são necessariamente o que agrada a este público, como pode ser visto nas oficinas na escola B onde o “Dragon Ball Z”, grande

estrela da audiência, apareceu como um dos programas menos aceitos, mesmo entre os meninos.

Outra questão, que necessita ser discutida não apenas pela academia, mas pela sociedade em geral, é a responsabilidade social que as empresas produtoras, transmissoras e patrocinadoras tem ao definir o que será transmitido, especialmente para crianças, uma vez que esta programação está sendo parte importante da socialização e educação destas crianças, como pode ser visto ao longo deste trabalho.

4.2

O que temos para ver: observando a programação infantil

Ainda segundo o mesmo enfoque teórico metodológico de que para se compreender a audiência é preciso conhecer também o conteúdo televisivo, ficou definido que seriam feitas análises de programas infantis que estavam sendo ofertados pela televisão brasileira especialmente por dois canais de distribuição: Rede Globo e Nickelodeon.

A Rede Globo foi escolhida por ser o canal de distribuição de maior abrangência. Dentre os canais de televisão por assinatura a escolha recaiu sobre o Nickelodeon por este canal ser, de acordo com sua filosofia, exclusivamente para crianças, e possuir uma preocupação de excluir de sua programação violência e assuntos de conotação erótica e sexual. O Nickelodeon se define como um canal com o qual os pais podem deixar seus filhos sem a preocupação de que sejam apresentados a assuntos não adequados para sua idade. E também de ser um canal atraente para a criança e não apenas “saudável”. Essa filosofia atraiu meu olhar e busquei maior contato com a programação deste canal, pois gostaria de perceber se esta filosofia poderia ser realmente percebida através do conteúdo de sua programação. No decorrer do trabalho de campo a preferência das crianças foi me levando a outros desenhos, especialmente aqueles veiculados pelo Cartoon Network.

Assim, comecei com “Rocket Powers”, “Ei Arnold!” e “Rugrats – os anjinhos” (Nickelodeon) e terminei incluindo “Laboratório de Dexter”, “As Meninas Super-

Poderosas” e “Johnny Bravo” (Cartoon Network), sem deixar de passar por “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, “Dragon Ball” e “Dragon Ball Z” (Rede Globo).

O Cartoon Network foi o primeiro canal exclusivamente para crianças a transmitir sua programação no Brasil e detêm até hoje o primeiro lugar entre os canais infantis nas televisões por assinatura. Em março de 2002 os personagens mais apreciados pela audiência, segundo pesquisa do site do próprio canal eram:

1º Docinho (“As Meninas Super-Poderosas”)

2º Dexter (“Laboratório de Dexter”)

3º Johnny Bravo (“Johnny Bravo”)

A seguir, uma definição sucinta dos principais desenhos observados:

Canal de distribuição: Cartoon Network

“As Meninas Super-Poderosas”:

“Quando o perigo ronda Townsville, só existe uma solução: Florzinha, Lindinha e Docinho - as Meninas Super-Poderosas! Sob o olhar atento de seu mentor, o Professor, as três meninas voam pelos céus da cidade, salvando os moradores dos vilões malvados que ameaçam a todos. Criada pelo cartunista Craig McCracken, a série ganhou vida depois de ser apresentada no bloco Estréia Mundial de Toons, do Cartoon Network.”³

Docinho é a menina super poderosa de vestido verde, a única que possui um olhar malvado. Ao escolherem os mais populares as crianças votaram na Docinho. As outras duas irmãs, Florzinha e Lindinha, são tão corajosas e lutam tanto quanto ela, sendo as três bastante violentas, mas as outras duas possuem olhares meigos e aparentam ser mais frágeis. Trata-se de uma animação violenta com todos os clichês de que a luta do bem contra o mal justifica a violência por parte dos poderosos do bem. As meninas,

³ As definições a seguir foram obtidas no site Cartoonnetwork.com.br, em março de 2002.

mesmo estando ainda no Jardim da Infância, são as únicas que tem condições de salvar adultos de Townsville, já que estes encontram-se totalmente inertes diante das ameaças de seus inimigos.

“O Laboratório de Dexter”:

Dexter personagem principal deste desenho é “um garotinho de cabelos ruivos, extremamente inteligente, que vive num bairro de classe média tranqüilo, ao lado da mãe, do pai e da irmã mais velha, Dee Dee. Ele vive preocupado em usar suas habilidades tecnológicas para resolver todo tipo de problema, desde como salvar o mundo até confusões com os valentões da escola. O Laboratório de Dexter foi criado pelo cartunista Genndy Tartakovsky e estreou no Cartoon Network no bloco Estréia Mundial de Toons.”

Apesar desta descrição do desenho, a pesquisadora, ao assistir ao programa diversas vezes e ao conversar com crianças sobre ele, caracterizaria Dexter como um menino bem baixinho, em comparação com seus pares e com irmã, usa óculos enormes e está sempre penteado com seu cabelo repartido lateralmente, conforme o estereótipo do aluno mais aplicado da turma. Dexter com frequência aparenta preocupação, irritação ou maturidade demais. Ele se acha mais inteligente que todos os demais personagens e esta superioridade intelectual lhe dá um ar de impaciência. Dee Dee, por sua vez, é alegre, infantil, possui um quarto totalmente cor-de-rosa, e adora participar das experiências do irmão, apesar de quase sempre estragar tudo. Dee Dee demonstra ser mais capaz de socializar, é falante e tem uma voz mais infantil. Dexter sempre se refere à irmã usando o adjetivo idiota.

“Johnny Bravo”:

“Não importa em que tipo de situação esteja, Johnny sempre acha que pode se dar bem usando sua boa aparência e golpes de caratê. Sua pretensão é compensada pelo profundo amor que ele tem pela mãe e

sua paciência com a Pequena Suzie, a única menina apaixonada por Johnny. Dirigido por Gary Hartle, Johnny Bravo estreou no bloco Estréia Mundial de Toons.”

Johnny Bravo é um sujeito que pratica fisiculturismo, totalmente preocupado com sua aparência, é obcecado por seu cabelo. Profundamente inseguro com relação as mulheres, não tem nenhum sucesso com elas. As personagens femininas da animação são quase todas grosseiras e o que mais acontece a Johnny é apanhar delas com bolsas, socos, chutes etc. Este desenho é tomado de clichês de homens perseguindo mulheres e sendo rechaçados por elas, e traz estereótipos dos gêneros masculino e feminino bastante fortes.

Canal de distribuição: Rede Globo

“Sítio do Pica-Pau Amarelo”:

“O Sítio do Pica-pau Amarelo é um lugar onde tudo pode acontecer. Não há limite entre realidade e a fantasia. Dona Benta e Tia Nastácia cuidam das crianças enquanto essas só cuidam de uma coisa: fazer reinações e aventuras.

O sítio também é um espaço democrático Todos aqui têm direitos e os adultos respeitam as opiniões das crianças.”

(Monteiro Lobato. Site da TV Globo – outubro/2002)

Programa com temática bucólica: vida no sítio, meninas brincando de boneca e meninos com bodoque. Apresentando muita fantasia, sem violência gratuita. Transmitido de 2ª a 6ª feira por volta de 11:00 da manhã, baseado na obra de Monteiro Lobato. Possui produção bem elaborada, agradando, segundo as pesquisas de audiência, à crianças pré-escolares. Ao longo de nosso trabalho de campo podemos perceber que especialmente as meninas gostam de assistir ao sítio. Ressaltamos, no entanto, que as constantes interrupções publicitárias trazem dupla mensagem para os telespectadores, uma vez que apresentam valores que contrariam aqueles

apresentados durante o programa. Nestas interrupções vende-se de tudo, além de serem apresentadas chamadas da programação noturna (com suas novelas e mini-séries), e as manchetes do noticiário (que é apresentado em sequência ao “Sítio do Pica-Pau Amarelo”), com seus crimes, temáticas adultas e o convite: “Veja a seguir! Até já.”

Canal de distribuição: Nickelodeon

“Ei Arnold!”:

“Ei Arnold! É um programa que apresenta as dificuldades da infância e da vida na cidade grande a partir do ponto de vista de um garoto chamado Arnold. A maior inimiga de Arnold é a Helga, uma menina que adora atormentá-lo, mas que o ama em segredo!” (Fonte: material de divulgação do canal Nickelodeon)

Arnold é um menino criado por seus avós, já que seus pais, provavelmente, desapareceram em uma expedição para ajudar uma comunidade carente. Seus avós são muito idosos e possuem condições financeiras precárias, mas são criaturas animadíssimas, de boa índole e muito presentes na vida do neto. Arnold é um menino tranquilo, bem resolvido e politicamente correto. Seus melhores amigos são um menino negro, um gordinho judeu e a mal-humorada Helga.

“Rocket Powers”:

“Jogar duro, comer rápido, dar muitas gargalhadas e nunca se cansar de procurar pela sensação máxima de adrenalina! Sem limites e invencíveis em suas próprias mentes, juntos eles aprendem a arriscar. Às vezes fracassam mas ao final todos vencem para formar o tipo de amizade que vocês nunca vão esquecer.” (Fonte: material de divulgação do canal Nickelodeon)

Otto, grande desportista, excelente surfista, skatista e jogador de hóquei, dentre outros esportes radicais, sua irmã Reggie e seus amigos Twister e Pirralho se envolvem em muitas aventuras, sempre relacionadas ao tema esporte e com alguma lição de moral envolvida. Toda vez que se metem em encrencas maiores surge o pai de Otto e Reggie para dar limites. Valores como sinceridade, honestidade e companheirismo são ressaltados em quase todos os episódios, a presença da família é representada pela autoridade do pai, surfista-quarentão que, é companheiro e tem autoridade com seus filhos. Este desenho apresenta uma família pós-moderna onde existe apenas um dos pais, e este é alternativo no modo de vestir e no trabalho que exerce, ao mesmo tempo representa os valores tradicionais de autoridade parental.

“Rugrats – Os Anjinhos”:

“Esta premiada serie da Nickelodeon mostra a vida a partir do ponto de vista dos bebês: do chão para cima. Tommy, Chuckie, Angélica, Phil, Lil e o bebê Dil vivem intermináveis aventuras no mundo dos adultos, onde as coisas mais simples se transformam em grandes aventuras para esses bebês.”
(Fonte: material de divulgação do canal Nickelodeon)

Tommy o mais inteligente e maduro, Chuckie o ruivinho inseguro, alérgico e muito míope, e Angélica a prima mais velha, de três anos, são os principais personagens deste desenho. Angélica é implicante e egoísta e se diverte explorando a ingenuidade e boa vontade dos primos bebês. Os pais dos bebês são estereótipos de pais americanos presentes e participantes na educação dos filhos, já a mãe de Angélica é a típica executiva bem sucedida, mas sem tempo algum para a filha, procurando compensá-la com presentes e dando pouco limite em sua educação. Respeito entre os membros da família, brigas e amor entre irmãos, são temas levantados neste desenho. O cenário é a típica comunidade abastada dos subúrbios americanos, com casas grandes, passeios em parques etc., um pouco distante da realidade das crianças alvo desta pesquisa.

Outra reflexão que surge ao se analisar o conteúdo dos programas infantis, em geral, é a juvenização dos personagens, pois, em geral, os adultos quase não aparecem ou tem falas secundárias. Os heróis hoje são meninos e meninas (os caçadores de Pokemon, o Arnold, os Rocket Powers, a Angélica e o Tommy), enquanto em gerações passadas os heróis eram os adultos (Batman, Super Homem, Mulher Maravilha etc.). Vale uma reflexão sobre que efeitos possuem para a subjetividade das crianças os super-heróis nos quais elas se inspiram terem 8, 9 ou 10 anos de idade. Esta questão voltará a ser abordada com mais detalhes no sub-capítulo 5.4 – As transformações da narrativa: o papel dos adultos.

Finalizando, estes programas tem grande representatividade em termos de audiência auferida e apareceram com frequência nos desenhos e falas de nossos interlocutores durante as oficinas, tendo grande importância no imaginário destes telespectadores. Quanto a serem adequados a crianças pré-escolares, as descrições levantam questões que devem ser analisadas pelas famílias quando vão definir o que se assiste em suas casas ou não. Não se pretende dar uma resposta sobre o que é adequado para crianças pré-escolares, mas trazer análises que estimulem a reflexão e a discussão no âmbito das famílias. Especificamente para esta pesquisa, as descrições dadas pela empresa distribuidora, complementadas pelos comentários da pesquisadora, devem ser analisadas junto com as observações trazidas pelas crianças, que constam do capítulo 5 – Conclusão.

4.3

Começando a ouvir as crianças: preparando as oficinas

Este sub-capítulo consiste em demonstrar como chegamos até o roteiro utilizado nas oficinas com as crianças.

Para produzir o roteiro para as oficinas, seguindo a premissa de que adulto e criança devem ter uma relação alteritária onde o conhecimento de um não deveria se sobrepor ao do outro, optamos por conhecer um pouco o discurso das crianças sobre a programação infantil de televisão e buscar nestes enunciados uma fonte de dados para o preparo das oficinas. A intenção com este procedimento é nos manter no caminho da

busca da comunicação dialógica traçado por Bakhtin, e evitar o erro de se chegar para conversar com a criança sem conhecer o que ela já sabe sobre televisão, como se apenas o pesquisador fosse o detentor do conhecimento.

Resolvemos conversar com 3 crianças de classe média moradoras da zona Sul do Rio de Janeiro, cujos nomes fictícios são Laura (8 anos), Gui (9 anos) e Lucas (8 anos), e analisar o conteúdo da fala destas crianças para então preparar as questões que iriam orientar as atividades com estas.

De posse de um roteiro, bastante informal, sobre os tópicos que iria abordar com as crianças, demos início as entrevistas. A intenção era conversar, tendo em mente que o objetivo era perceber os sentimentos e valores implícitos em seus discursos, e para isso elas deveriam estar a vontade e confiantes em poder dizer o que quisessem. O roteiro existiu apenas como referência para a pesquisadora, não tendo jamais aparecido para as crianças. Para os pequenos interlocutores tratava-se apenas de uma conversa sobre televisão para crianças, já que eu estava realizando uma pesquisa sobre o assunto. O primeiro retorno obtido foi o interesse das crianças em conversar sobre o tema, isto é, a aceitação foi visível e imediata e todos os sujeitos demonstraram estar ávidos por participar. Algumas vezes sugeriram que se entrevistasse também o irmão ou o amigo e outras crianças se candidatavam a ser as próximas entrevistadas. O mundo mágico da televisão, sua luzes e sua fama, apesar de sua intensa presença em nosso cotidiano há várias décadas, não perde o brilho e continua a atrair olhares de todas as faixas etárias e classes sociais de nossa sociedade.

Duração: As entrevistas foram de curta duração, uma vez que, apesar das crianças demonstrarem, claramente, gostar muito de participar, tendiam a se dispersar rapidamente.

Local: Uma na casa de uma das crianças e as outras duas em um espaçoso quintal antes do início de uma festa de aniversário. Todas as crianças foram entrevistadas separadamente.

Não incluiremos a íntegra dos depoimentos das crianças, mas apenas pequenos trechos que nos levam a refletir sobre as questões levantadas. As questões aqui

apresentadas buscam contemplar o recorte proposto por esta pesquisa, qual seja buscar no discurso das crianças representações sobre poder, família, autoridade e globalização.

Analisando a fala das crianças:

A) A visão das crianças sobre famílias - quem ensina a quem

Ao observar a programação infantil da televisão, percebe-se que os desenhos raramente qualificam personagens adultos como os que detêm e passam o conhecimento. Da mesma forma, na publicidade veiculada exaustivamente na TV, as crianças, muitas vezes, aparecem como os que detêm o conhecimento, contrapondo-se a personagens adultos, perdidos em um mundo tecnológico que não dominam, ou submissos as exigências dos consumidores mirins.

Considerando-se este cenário, ao apresentar a questão – Quem ensina, as crianças ou os adultos? - surpreendeu-me a posição unânime dos entrevistados de que na vida real são os adultos que ensinam aos mais jovens.

Lucas⁴ chegou a me explicar que nos desenhos **parece** que as crianças sabem mais porque elas “fazem muita ação mas, é só ação.” Lucas deixa claro em seu discurso que “são os adultos que nos ensinam”. Fica nítida a percepção dele de que nos desenhos não parece ser assim, mas de alguma outra forma ele internalizou o conceito oposto.

Pesq.: Nos desenhos como é que são as famílias, quem ensina para quem? Os pais para os filhos ou os filhos para os pais?

Laura: Ah! É sempre o pai pros filhos. Mesmo nos desenhos é assim.

Lucas: Pai para os filhos ou o avô pros netos, igual no Dragon Ball Z. As vezes, parece que é as crianças, porque elas é que fazem mais ação, assim os adultos quase não aparecem, não falam. Mas quem ensina são eles.

⁴ Os nomes das crianças nas oficinas e entrevistas são fictícios, visando preservar suas identidades.

Gui: O Tommy, o bebezinho, ele é o que ensina e os outros vão aprendendo. Mas quem ensina mesmo são sempre os pais para os filhos. Sempre os maiores para os menores, os que já passaram por certas coisas e falam...

Ficou decidido que esta questão definitivamente voltaria a ser abordada durante as oficinas. A primeira impressão era de que, apesar do discurso midiático, as crianças percebiam os adultos como os que detêm o conhecimento e a função de transmiti-lo.

B) Programação infantil - território das crianças

Ao falar sobre os desenhos, as crianças os descreveram minuciosamente, explicando-os como se a entrevistadora não os conhecesse e precisasse dos detalhes para compartilhar aquela experiência sobre a qual estávamos falando. Esta percepção fez-se notar, especialmente, na entrevista com o mais velho do grupo, Gui de 9 anos. Ficou clara a noção destas crianças de que o mundo tecnológico (TV, vídeo game) é mais seu do que da geração que os antecede. Além de ter deixado implícita a percepção destas crianças de que os adultos não entendem de televisão para crianças. Esta percepção, talvez, possa ser explicada pelo fato de que estas crianças se descrevem como assistindo televisão sozinhas e como sendo as responsáveis por decidir o que vão assistir. Há que se considerar ainda que as crianças estavam na posição de “conhecedores do assunto”, pois eram os entrevistados, e a pesquisadora deixou claro que precisaria da colaboração delas para realizar seu projeto.

AÇÃO 1

Pesq.: O que você mais gosta de ver na TV ?

Gui: Dragon Ball Z, é um desenho, tipo guerreiros que tem poderes e batalham contra as forças do mal.

AÇÃO 2

Pesq.: Você já se comunicou com a TV pelo computador, foi lá votar num desenho, conhecer a página?

Gui: Ah já. Tem um do Cartoon. Tem um do Nickelodeon, mas não se chama Nickelodeon, tem outro nome...Nick... , mundo.

Pesq.: Mundonick.com. ?

Gui: É mundonick.com. Você entra preenche assim tem 10 programas de um lado você clica, depois vai do outro lado tem 4 espaços e você escolhe e clica no espaço depois vai escolhendo, e clica em cima do que escolheu depois do outro lado e clica no espaço e o desenho que você escolheu aparece. Pode escolher 4. E aí no sábado eles passam a sua programação, não, eles escolhem, sorteiam assim... Uma dessas coisas.

C) A televisão e sua importância no meio social infantil

A importância da televisão no meio social transparece no discurso do menino mais velho, Gui de 9 anos. A TV é parte relevante das discussões no recreio, assim, é importante assistir o programa “mais cotado” entre seus pares. Na fala de Gui o “Dragon Ball Z” aparece em todas as categorias: o que mais vê, o que mais gosta, o que gostaria de ver o dia inteiro, mas ao dar continuidade a conversa percebe-se que Gui sequer está assistindo “Dragon Ball Z”. Os programas que ele realmente vem assistindo, sendo capaz de descrever com riqueza de detalhes personagens e suas respectivas personalidades, são os desenhos considerados pela grupo de sua faixa etária como para “criancinhas”, tal como definido por Lucas em sua entrevista.

Pesq.: O que você mais gosta de ver na TV?

Gui: Dragon Ball Z, é um desenho, tipo guerreiros que tem poderes e batalham contra as forcas do mal.

Continuando a entrevista ...

Pesq.: Antes de ir para a escola o que você vê?

Gui: Eu acordo, tomo café e faço dever, depois eu jogo vídeo game, então só vejo enquanto eu almoço, a minha condução passa lá em baixo as 11 e meia então eu vejo

de 11 as 11:15 *dá prá* ver um episódio completo e mais uma parte dos Anjinhos que é o que passa a essa hora.

Pesq.: E a noite, o que você assiste?

Gui: Filme, ontem eu vi Cine Espetacular, não é da Globo acho que Bandeirantes, ou... SBT. É, é no SBT.

Pesq.: E o Dragon Ball que horas você vê?

Gui: Ah, eu não tô vendo não, só tá passando repetido, então não vejo.

Pesq.: E você e seus amigos, sobre o que vocês conversam no recreio?

Gui: Muitas coisas, e sempre alguma coisa sobre o Dragon Ball.

Pesq.: Se você fosse um cara que não visse TV nunca, como é que ia ser no recreio da escola? Sobre o que você ia conversar?

Gui: Não sei.....Não sei como é, mas ia ser esquisito... lam achar esquisito.

A questão da importância social da TV nos remete a questão levantada pelo profissional de mídia ao dizer que os grupos de crianças para discutir preferências na programação não eram eficazes, pois uma criança tendia a liderar o grupo e as demais apenas a seguiam. Aqui Gui deixa transparecer a importância de seguir a opinião da maioria. Esta questão voltaria a aparecer nas oficinas onde as crianças demonstravam muita determinação em defender seus pontos de vista, não se dispondo, naquele momento, a seguir qualquer liderança.

Finalizando, o conteúdo televisivo nos mostra uma sociedade onde as crianças estão brincando e crescendo sozinhas e os pais são personagens coadjuvantes. No mundo real as crianças também parecem estar sozinhas ao assistir televisão, ao decidir o que e quando assistir, e ao serem as únicas a conhecer os desenhos animados. Mas, apesar de todas essas evidências, as crianças adotam outra postura, procurando

garantir um lugar para o adulto no mundo real ao afirmar que são os adultos que as ensinam.

A partir das observações dos desenhos animados, estas conversas com crianças e as duas entrevistas com produtores de televisão preparamos o primeiro roteiro de oficinas e o apresentamos na primeira escola. Após o término da primeira oficina, na escola A, fizemos algumas alterações no roteiro e fizemos as duas oficinas finais, na escola B.

4.4

As Oficinas

No final do ano de 2001 obtivemos autorização para que fizéssemos as primeiras oficinas em Colégio destinado ao público classe média e classe média alta localizado em Laranjeiras, zona sul do Rio de Janeiro, com crianças de primeira série (7 anos). No primeiro dia ficamos com a turma toda (em torno de 30 crianças) com a presença da professora de biblioteca. Neste primeiro encontro as crianças assistiram a um vídeo de 8 minutos e desenharam o que mais gostavam e o que menos gostavam de ver na televisão. Não foi possível conversar mais detidamente com aquele número de crianças e com a presença da professora. Gostaríamos de obter conversas mais individualizadas onde o interlocutor pudesse, realmente, se sentir ouvido individualmente mesmo estando dentro de um grupo. Além disso, existia enorme demanda para que suas histórias individuais fossem ouvidas: sempre havia alguém a minha volta buscando ser ouvido. Conversando com a professora concluímos que seria melhor o trabalho ser feito com um grupo menor de crianças. Combinamos que eu iria escolher um pequeno subgrupo para participar da pesquisa e os demais ficariam nas atividades cotidianas com ela.

Como escolher crianças? Não suportava a idéia de escolher algumas em detrimento de outras, por melhor que fossem minhas intenções, me parecia horrível. Todas tinham o que dizer e eu adoraria ouvir a todas. Além disso, escolher me lembra separar, discriminar. Resolvi que escolheria a partir dos desenhos que elas haviam feito no primeiro encontro, pois eu não me lembrava qual criança tinha feito o que.

Desta forma, começaram as oficinas com muito barulho, muita participação das crianças e, no final, um gosto de “quero mais” de ambas as partes. No entanto,

havíamos combinado apenas 4 encontros com a coordenação da escola, o final do ano letivo se aproximava, e a negociação por mais tempo junto as crianças tornou-se muito difícil.

Falar sobre televisão e a oportunidade de assistir desenho animado durante a aula fazia com que as crianças estivessem muito dispostas a participar. Eram crianças ativas, eloqüentes, muito bem informadas, cultas para sua faixa etária e bastante articuladas ao emitir suas opiniões.

No início de 2002, após algumas tentativas frustradas de realizar oficinas em escolas de Ipanema e Leblon, no Rio de Janeiro, obtivemos autorização para trabalhar com as crianças de uma pequena pré-escola em Ipanema cuja clientela são crianças de classe média alta e classe alta. Entrar nessas escolas é compreensivelmente difícil. Imagine um pesquisador desconhecido, sozinho com uma turma de crianças de 5 e 6 anos? As questões que ficam para os dirigentes são quais são as intenções do pesquisador e se este profissional é ético e confiável. Como eu já conhecia uma das diretoras da escola há cerca de um ano, as negociações foram mais fáceis nesta escola.

Apresentei o projeto de oficinas⁵ que consistia de 1 encontro com 40 minutos de duração por semana, totalizando 4 encontros. A primeira oficina seria realizada com crianças de 5 anos, e uma segunda oficina com crianças da classe de alfabetização, com 6 anos. Projeto aprovado iniciam-se as oficinas.

Com as crianças menores tudo fluiu com tranquilidade, mas com as crianças da classe de alfabetização faltava tempo. Estas crianças já tem suas agendas de aulas muito preenchidas, ficando difícil tirá-las de sua rotina. Consequentemente, o tempo que nos foi permitido ficar com elas era muito pouco. É interessante verificar na prática o que é uma agenda de um criança de 6 anos. Chegam na escola por volta de 13:30 e podem ficar no pátio até as 14:00. A partir daí seus horários estão preenchidos com o conteúdo da classe alfabetização e aulas diárias de inglês e semanais de artes, ciências e flauta. Depois do final das aulas normais, as 18:00 horas, são oferecidas atividades extras como capoeira e balé. Antes de irem para a escola a maioria destas crianças têm ainda aulas de natação, futebol ou curso de inglês, isto sem mencionar os deveres de casa.

⁵ A íntegra das proposta encontra-se no Anexo I desta Dissertação

O horário que nos foi dado para as oficinas era o de 13:30 às 14:10, ou seja, o horário do pátio. As crianças chegavam agitadas ou atrasadas e o tempo de nosso contato ficava prejudicado, mas não queria de maneira alguma abrir mão desta oficina, pois aquela feita com as crianças de 5 anos na mesma escola tinha se mostrado muito produtiva. Como resultado eu diria que a dificuldade de horário prejudicou as oficinas com as crianças maiores, mas, de qualquer forma, a contribuição destas crianças ao trabalho foi relevante, pois são crianças esclarecidas, criativas, completamente “conectadas” com tudo o que passa ao seu redor. São críticas, e com disposição para dizer o que pensam.

Quando as crianças me encontravam em horários diferentes na porta da escola vinham me perguntar quando teríamos mais da minha “aula” sobre televisão. Percebe-se, claramente, o interesse das crianças por “aulas de televisão”, seja pela oportunidade de ver desenhos durante as aulas, a oportunidade de falar sobre um assunto que realmente lhes interessa, com alguém genuinamente interessado em ouvir ou, até mesmo, pela fantasia de que estas aulas sejam um caminho para a tão cobiçada FAMA.